



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho  
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

VISADO PELA CENSURA

ASSINATURAS:  
 Ano, 35000; Semestre, 20500; Trimestre, 10500—Metrópole  
 Ano, 60500 e 175500 por avião — Estrangeiro excepto Brasil  
 Ano, 43500 e 110500 — Ultramar e Ilhas  
 Ano, 50500 e 160500 — Brasil  
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

SÁBADO, 23 DE ABRIL DE 1966

## «NO NOSSO» «COLONIALISMO» são os estrangeiros que embolsam os lucros e nós que pagamos os «melhoramentos»

...lapidar afirmação do Senhor Presidente do Conselho na saudação de Angola, a propósito do Porto da Beira? em Moçambique, agora tão falado.

Não vamos comentar o esclarecimento, mas agradecer. Aos distantes das coisas públicas nem sempre estas se apresentam facilmente abarcáveis. Tratados, convênios, reuniões e... para além disso, pouco mais vemos, pela dificuldade, transcendência e vastidão de tais assuntos. Mas, quando vemos nações que tinham o dever da gratidão, do respeito e até da justiça para com os demais, falharem, por meros interesses comerciais e políticos, sabe bem tomarmos conhecimento para enfrentar a cegueira com que esses interesses e essas políticas são tratadas por homens, talvez inteligentes mas inconsequentes. É o caso da Inglaterra, cujos políticos a vão colocando na orquestra de desordem que sopra no mundo.

Neste caso concreto, ficámos a saber que o interesse pelos povos africanos, quando os meios de escoamento oriental não bastavam, era nulo. Em compensação,

pelo seu próprio tesouro, era total, de contrário, ajudava ao desenvolvimento de acessos.

Mas, não. Comprou o nosso Governo, para melhorar, fomentar e desenvolver essas concessões. Quatro milhões de libras, pagas por uma só vez, embolsou o tesouro de sua majestade. E agora aceitam os seus políticos que somos colonialistas quando, como afirmou o Senhor Presidente do Conselho, desse dinheiro não veio lucro à Metrópole, mas lá tem ficado para fomento, participando dessa melhoria as nações africanas que por ela fazem passar as suas mercadorias.

Bem dito: *Lucram eles e pagámos nós.*

Pagámos ainda com a fama de «colonialistas» na festança africana. Sim, porque aquilo é uma festa de... governe-se quem puder. Quando o negro tiver maturidade bastante para compreender o logro em que a Europa o lançou, terá razões para descrever dessa mesma Europa que o abandonou por interesses particulares de políticos e de política. Podem as na-

(Continua na página 4)

## COISAS DA NOSSA TERRA

Por Símplicio Sousa

Na verdade são coisas que só na nossa terra podem acontecer. E podem acontecer, por se ter verificado, pois desta vez, foi a nossa Câmara Municipal, através da Comissão das Festas das Cruzes, que veio, desasombradamente, pedir para que o Comércio esteja aberto no Domingo, dia 1 de Maio, dando assim possibilidades a este de se refazer, um pouco, da crise que atravessa, possibilitando-lhes numerosas transacções, naquele dia que é o Dia LUSO-GALAICO.

Desta vez, a nossa Câmara Municipal ultrapassou o Grémio do Comércio, na defesa dos interesses locais, permitindo a abertura do comércio local no Domingo, dia 1 de Maio.

Bem haja por tal deliberação, deliberação que veio legalizar o anúncio feito no Programa das Festas, de que no dia 1 havia Feira Franca.

Mas, não é apenas o Comércio local que vai beneficiar desta justa deliberação. São os vendedores na nossa feira, os principais beneficiados. Mas está bem, o sol quando nasce é para todos. E todo este meu regozijo, como barcelense, é por ver que este interesse de proporcionar ao comércio novas fontes de receita se não vai ficar apenas por aqui, pela abertura do comércio no Domingo, dia 1 de Maio.

A nossa Edilidade, com certeza, vai tomar idêntica deliberação para a realização da feira que tradicionalmente se realizava no dia de Corpo de Deus, e ainda, conseguir, junto do clero, que a Procissão que

(Continua na página 4)

## Aziúmes dum homem de mau humor

Por Falcão Machado

A escritora N. C., fazendo publicar uma antologia da poesia crítica e satírica portuguesa, deu à luz compendiosa colecção de poesia obscena, pornográfica. O livro foi retirado do mercado.

Não sei porque motivo, a autora indica o meu nome como tendo sido o de quem comunicou a única quadra, no género, da autoria de Camilo. Como não conheço a autora, e figuro lá singularizado, pois não me parece que tenha indicado outros nomes pessoais como fontes informativas, não há dúvida de que N. C. me apresenta aos vindouros como o homem que sussurra quadras indecentes ao ouvido das pessoas...

Já é azar!

Ora, não é por acaso que, desde o alvorecer da nacionalidade, até hoje, os maiores valores da mentalidade portuguesa, mesmo geniais, como Camões, Bocage, Junqueiro, a par das suas maravilhosas composições, também escreveram poesia obscena, pornográfica.

Não é por acaso que, em oito ou nove séculos de vida cultural, o espírito português tem cultivado o género latrínario, em poesia... e em prosa.

A meu ver, trata-se duma constante da mentalidade portuguesa, real, positiva, concreta, que tem resistido a objurgações doutrinárias e doutrinas, a castigos ásperos, e a tentativas educativas. Em dado momento, apesar das barreiras da decência e das ameaças pedagógicas, o vate, seja, imundo poeta das vielas, seja sublimado áulico da corte, sente a veia da inspiração palpitar, pega na lira, harpa, bandolim ou viola, e produz...

Já Pinheiro da Veiga, na *Fastígia*, diz que o falar dos portugueses, todo ele é... e lá indica o substancial substantivo com as substanciais cinco letras da palavra cambronesca...

Mas, não basta haver essa tendência constante da parte do produtor: há, também, um público consumidor, conhecedor, apreciador.

É certo que, a par destas figuras que cultivam a musa brejeira, há as figuras dignas, austeras, severas, no polo oposto, castigadoras de tal género. Quem não se lembra do

(Continua na página 4)

## Revivendo e Recordando JOÃO DUARTE

Ainda vale a pena ser-se bom e passar a vida a fazer bem sobre a terra. É um louvar a Deus verificar-se que a nossa boa gente conserva bem vivos na sua alma os nobres sentimentos da gratidão.

Já lá vai um mês que o Sr. João Duarte partiu da terra dos mortais para as Regiões da imortalidade ditosa, deixando toda a gente, beneficiada, amiga e admiradora, na maior desolação, esfaclados os corações pela mais intensa dor.

Neste curto espaço de tempo tem sido admirável o movimento de sufrágios em todas as igrejas da cidade e em diversas paróquias, mandados celebrar por muitas Instituições beneficentes e freguesias que de Sua Excelência vinham recebendo avultadas ajudas financeiras acompanhadas do seu carinho e amparo moral que nunca faltavam, mandados celebrar enfim por *peças agradecidas* que geralmente desejam ficar escondidas sob esta bela designação.

Bem sabe o nosso povo que agora é a única forma de demonstrar a sua gratidão ao seu benfeitor e amigo, a quem Deus já terá recompensado com os *«cem por um nesta vida e com a Vida Eterna»*, que é promessa do Evangelho e Jesus não falta.

É verdade que ainda paga a pena ser-se bom e passar a vida a fazer bem.

Já nestas colunas apareceram desenhadas em esboço algumas das qualidades e virtudes extraordinárias como características de João Duarte.

(Continua na página 4)

## Festas das Cruzes

De 30 de Abril a 3 de Maio

Estamos a uma semana das tradicionais Festas da Cidade, este ano a realizar-se de 30 de Abril a 3 de Maio. E como sempre, efectuou-se na última segunda-feira o habitual jantar à imprensa nortenha, num dos Restaurantes do Porto. Presentes os correspondentes, redactores da imprensa diária, Rádio e Televisão; presente também a imprensa de Barcelos.

### PROGRAMA

DIA 30 DE ABRIL — «As 11 horas — Abertura da exposição do artesanato, patrocinada pelo Fundo do Fomento de Exportação e Junta Distrital de Braga, com a presença de membros do Governo. Inaugura-

ção da feira popular, com todas as suas diversões e atractivos. — «As 16 horas — majestosa procissão da invenção da santa cruz. — «As 22 horas — Grande sessão de fogo preso, na margem esquerda do rio Cávado. — «As 23 horas — arraial minhoto — No parque da cidade — com os conjuntos de Mário Simões e Académico Os Celos — (Em caso de mau tempo o arraial realizar-se-á em recinto coberto).

DIA 1 DE MAIO — *dia lusogalaico* — Feira Franca das Cruzes — As 14,30 horas — Desfile dos Grupos Folclóricos pelas ruas da cidade, desde o Posto de Turismo até ao Parque da Cidade. — As 15 horas — No parque da Cidade — Brilhante Festival Folclórico Inter-

(Continua na página 4)

## A IRMÃ S. ROMÃO

VAI SER HOMENAGEADA

Barcelos conhece sobremaneira a Irmã São Romão, aquela Irmã Missionária de Maria que no Recolhimento tem a sua missão, «evangelizando» gente, autêntico sacrifício, pois educar jovens não é para toda a gente, requer aptidão natural, espírito de abnegação e uma dedicação ao nosso semelhante como nenhuma outra tarefa o exige.

Gerações sucessivas de jovens tiveram a sua educação primária no Recolhimento do Menino Deus onde a Irmã São Romão quase ininterruptamente ensinou as primeiras orações, juntamente com as primeiras letras a milhares de rapazes, hoje homens, alguns dos quais em altos postos das hierarquias nacionais. «Homens» fortes de espírito e de corpo saíram do Recolhimento, e lançados na vida dura da existência, os «meninos do colégio das Missionárias» conservavam o seu toque inconfundível de uma educação esmerada, fundamentada na mais pura escola católica, mantida firme em tantas situações críticas.

A Irmã São Romão é a verdadeira «Mãe» para muitos dos barcelenses! A sua benção é pedida com amor, por grandes e pequenos, quando, pela cidade, se ocupa de mais uma obra em prol dos seus rapazes. Nunca parou, sempre a vemos a pugnar pelo

bem estar daqueles que nas mesinhas do Recolhimento ora estudam ou oram, como fecham os braços para formar travesseiro e dormir a sesta. Por isso, por quanto esse sacrifício, que dura dezenas de anos, representa de autêntica heroicidade, todos os rapazes de Barcelos que passaram pelo Recolhimento se juntarão amanhã, no Colégio para homenagear a querida Irmã São Romão e reviver com ela tantas horas felizes que a saudade torna muito mais ternas.

A Irmã São Romão, «O BARCELENSE», todos os barcelenses podemos afirmá-lo, deseja do fundo do coração que esta simples homenagem seja o verdadeiro reconhecimento, o nosso preito de gratidão, por tudo que fez por Barcelos, pela sua «juventude radiosa».

### PROGRAMA

10 horas — Missa em acção de graças.

11 horas — Descerramento de uma fotografia e entrega de lembranças.

12 horas — Almoço à actual classe infantil.

13 horas — Copo de água servido nos claustros, a cerca de 300 convivas.

## A URBE E O PROGRESSO

Por ERCÍLIA L. M.

Na perspectiva duma cidade em franca mutação, é evidente que não podemos alhear-nos dos problemas de que se reveste esta viragem, em particular o comportamento do indivíduo com o meio e vice-versa. Henri Jane, sociólogo eminente, fez o estudo comparativo dos dois tipos de sociedade de que estamos a ocupar-nos — tradicional e industrial — estabelecendo para cada um deles determinados números estatísticos que o levaram à seguinte conclusão:

No tipo tradicional — fecundidade natural, forte mortalidade infantil; menor valor da criança; proporção elevada de jovens; morte por causas exógenas; mulher objecto, escolarização parcial e analfabetismo; carências alimentares; estruturas sociais rígidas; meio natural dominante.

No tipo industrial — controle dos nascimentos; fraca mortalidade in-

fantil; carácter precioso da criança; fraca mortalidade geral; morte por causas endógenas; mulher sujeito; escolarização quase completa; necessidades objectivas satisfeitas; estruturas sociais maleáveis; meio natural dominado.

Daqui se conclui que uma força irreversível impulsiona as sociedades industriais de hoje, modificando-lhes totalmente as estruturas sociais que há pouco tempo ninguém admitiria alterar.

Acetitá-las, robustecé-las, nimbá-las do calor humano indispensável à forma brusca de materialização com que a máquina e a produção escravizam — tal é o dever dos que atentamente vigiam o alvorecer desta nova era. Encontramo-nos assim num limiar tanto mais esperançoso e prometedo quanto mais esparsos nos debruçamos

(Continua na página 3)

# Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. Jaime Cruz

**Pensamento** — É na Comunhão, frequente e fervorosa, que encontramos o segredo da fidelidade ao Pastor — Jesus.

**24 de Abril** — 2.º Domingo depois da Páscoa (Bom Pastor). Missa própria com Glória e Credo. Prefácio da Páscoa. Paramentos brancos.

**EVANGELHO**  
(S. João, X, 11-16)

*Naquele tempo, disse Jesus aos fariseus: — «Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é o verdadeiro pastor, e a quem não pertencem as ovelhas, apenas vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge. Então, o lobo arrebatá-as e dispersá-as. O mercenário foge porque é mercenário, e não se lhe dá das ovelhas.*

*Eu sou o Bom Pastor. Conheço as Minhas ovelhas e as Minhas ovelhas conhecem-me — como Meu Pai Me conhece e Eu conheço a Meu Pai e dou a Minha vida pelas Minhas ovelhas.*

*Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil. Também essas preciso Eu de trazer; ouvirão a Minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor.*

**REFLEXÃO**

É patente nos textos destes Domingos posteriores à Ressurreição, o lugar de relevo dado à alegria pascal, sendo eles como que um eco prolongando daquele anúncio salvador: O Senhor da Vida ressuscitou, aleluia, aleluia!

E, de facto, como afirmos um convertido inglês, o Evangelho é a maior mensagem de alegria que o mundo jamais ouviu. Bom é, portanto, que demos largas ao nosso júbilo de salvados e saibamos fazer da alegria cristã o melhor remédio para os dias sombrios que a vida, porventura, possa oferecer. Mesmo que o tempo esteja de mau cariz e o coração aborrecido, devemos saudar cada manhã com amor, porque em cada dia o Senhor dá entrevista e afirma aquela generosidade sem limites que a Páscoa deu a conhecer. Continua a ser o Bom Pastor, mais presente a nós do que nós o somos a nós mesmos, o único que nunca nos abandona, ainda quando temos a ilusão de que está longe. A parábola em que hoje Cristo se retrata é daqueles que dispensa toda a explicação, por simples e clara, e, ao mesmo tempo, das que encerra tal soma de verdade e beleza que a palavra humana se reconhece incapaz de a esgotar. Tal qual o Senhor que alia, na Sua pessoa, o infinito da Divindade ao limitado da humanidade, assim Sua palavra surge plena de profundidade e de simplicidade. Era particularmente frequente nos

povos do Oriente e cheia de lições a imagem do pastor, aplicada ora aos reis ora aos libertadores. É por esse título que os Livros Santos nos apresentam o grande Moisés que, à ordem de Deus, arranca o povo à escravidão egípcia e o conduz à terra da liberdade, da felicidade e do descanso. Na primeira grande páscoa (passagem de Deus em acto de salvar os homens) surge assim o pastor que realiza esta libertação, figura de outra muito mais profunda. Na Páscoa de Cristo, que vivemos ainda na Liturgia, o Senhor realiza, na perfeição, este título.

Três critérios nos oferece para O reconhecermos por Bom Pastor: dá a vida pelo rebanho, vive em comunhão e mútuo conhecimento com ele e procura trazer ao seu aprisco as ovelhas errantes. É toda a realidade profunda, vivida na Semana Santa e seu termo, resumida numa só palavra.

Eramos ovelhas desgarradas, sem morte e à mercê de pastores mercenários, cujo móbil de acção residia no egoísmo. Vivíamos mergulhados na escuridão do erro e manietados pelas cadeias do pecado. E eis que surge um mais Forte toma sobre si o libertar-nos e na Sua morte voluntária encontra a vida de que carecíamos. O Sacrifício de Cristo marca esse momento decisivo em que o Pastor se dá pelas ovelhas, em que ao deserto da escravidão sucede a terra da liberdade.

A Fé faz-nos reconhecer na Eucaristia esse Sacrifício, oferecida uma vez por todas, e que ela torna presente ao longo dos séculos. Com S. Pedro, diremos, em verdade, que desde então Cristo é o pastor e Bispo das nossas almas. Mortos para o pecado, vivamos para a justiça.

Não se limitou, porém, a morrer por nós. Fez-nos entrar numa existência nova, fundada em laços de conhecimento recíproco. Há comunidade de vida. Na Comunhão dá-se o conhecimento mútuo das ovelhas e o pastor. O que se ofereceu como vítima, dá-se como alimento dos que salvou. As pastagens deste rebanho de Deus encontram-se na Palavra de Deus e nos Sacramentos.

Se o título «Pastor» revela em Cristo tamanha riqueza, que encerra, quanto fez e continua a realizar pela nossa salvação, a nossa qualidade de «ovelhas» resume os deveres fundamentais.

Ovelhas de tal Pastor, é mister ser dócil à Sua voz, fechar os ouvidos aos apelos de tantos falsos pastores que enxameiam o mundo e, sobretudo, fortalecer nossa vida cristã com a audição da palavra divina e participação nos Sacramentos. Procedendo dessa forma, daremos o mais valioso testemunho e constituiremos o melhor incentivo para outras ovelhas desgarradas entrarem neste redil de Amor e de Paz, de Graça e Felicidade.

## FESTAS DAS CRUZES

(Continuação da página 1)

nacional, com a participação de Grupos de Espanha e os melhores do País, patrocinado pela Junta Distrital de Braga. — «As 22 horas» — Desfile de *Rusgas e Tocatas* pelas ruas da cidade, desde o Parque da Cidade até ao Posto de Turismo. «As 22,30 horas» — Imponente *Sessão de Fogo Aquático* no rio Cávado, iluminado por 40 mil «lumes vivos» espalhados ao longo das margens. — «As 23,30 horas» — No parque da Cidade — *Ceia Minhoto Popular* — com exibição de *Rusgas e Tocatas* em estrado adequado.

**DIA 2 DE MAIO** — *Dia de Barcelos* — «As 15 horas» — *Tarde Desportiva* — «As 21,30 horas» — *Serão para Trabalhadores* no Parque da Cidade — Organização da F.N.A.T. — com os melhores artistas da televisão e da rádio.

**DIA 3 DE MAIO** — *Grande Feira Franca das Cruzes* — «As 11 horas» — *Solenidades Religiosas* no Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz. — «As 14 horas» — *Grandioso Concurso Pecuario*, organizado pelo Grémio da Lavoura de Barcelos com o patrocínio da Junta Distrital de Braga. — «As 15 horas» — *Festival Desportivo* no Parque da Cidade — «As 21,30 horas» — *Continuação do Festival Desportivo* — «As 24 horas» — *Majestosa Sessão de Fogo do ar*, para encerramento das Festas.

*Todos os dias de Festa* — 4 Bandas de Música, Gigantones, Cabeçudos, Tocatas e Zés Pereiras — Fogo preso e do Ar, de Libório Joaquim Fernandes, Sucs. — Lanheiras; Fogo aquático, de Silva & Filhos — Viana do Castelo; *Ornamentações de: Irmãos Vilaças* — Braga *Iluminações de Adélio Serra* — Póvoa de Varzim.

## Oferece-se

Casal com um filho para feitores duma quinta, ou para governar. Quem pretender falar com João Francisco Pereira, no Lugar de Santo Amaro, Galegos Santa Maria — Barcelos.

## Terreno — vende-se

Na freguesia de Rio Covo, St.ª Eugénia, a 2 quilómetros de Barcelinhos, junto à E. N. de Barcelos a Braga, vendem-se 5000 ou 6000 m2 de terreno próprio para a montagem de uma fábrica.

Informa José Joaquim Peixoto, na Casa do Povo de Rio Covo, Santa Eugénia.

## Obras na Franqueira

*Continua a Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira a receber donativos para Obras de Melhoramentos pela ordem que se segue:*

Transporte do n.º 2865 de «O Barceense»	14.514\$00
Farmácia Pacheco	20\$00 — Barcelos
Joaquim de Faria Gonçalves	100\$00 »
Manuel Maria da Silva Maciel	10\$00 »
D. Vitória da C. Esteves	12\$50 »
D. Maria E. Mancelos Sampaio	20\$00 »
Anónimo	20\$00 »
Cândido Neiva O. Maciel	20\$00 »
Carlos Vinagre e Família	50\$00 »
Almerinda Dourado Fernandes	5\$00 »
Rosa da Silva Vinagre	10\$00 »
Emílio Vinagre	10\$00 »
Camisaria Barcelense	30\$00 »
<b>A transportar</b>	<b>14.821\$50</b>



# FAZEM ANOS A Urbe e o Progresso

(Continuação da página 1)

Embora um pouco tardiamente, não queremos deixar de felicitar efusivamente o nosso muito estimado amigo Sr. Domingos de Castro Gomes, considerado barcelense e dinâmico sócio-gerente do grande supermercado Villares, da cidade do Porto, pois no último dia 11 do corrente, completou 68 anos de laboriosa e preciosa existência.

«O Barcelense» felicita, portanto, o estimado amigo, e toda a família, por tão grata data.

No dia 17 do corrente mês, completou mais um aniversário, o nosso estimado amigo, Sr. Francisco Vila-Chá Esteves, desta cidade. Embora um pouco atrasado, «O Barcelense» envia-lhe os seus parabéns, com os desejos de longa vida.

Também no mesmo dia, esteve em festa o lar do nosso assinante Sr. Manuel Pereira de Carvalho, comerciante na nossa praça. Sua esposa, filhos e sogros desejam-lhes as maiores felicidades e muitos parabéns.

No dia 27 do corrente mês, está de parabéns a freguesia de S. Paio de Carvalho, pelo aniversário que nesse dia festeja o seu Pároco, Rev.º Padre Manuel de Sá Domingues de Oliveira, motivo porque «O Barcelense» ao felicitar Sua Rev.ª, lhe deseja as melhores felicidades no seu munus sacerdotal e longa vida ao serviço da igreja.

## Fernando da Costa Fernandes

Este nosso prezado amigo e zeloso Secretário da Câmara Municipal de Barcelos, há muito radicado nesta cidade onde conquistou as melhores simpatias pelo seu trato afável e facilidades de trabalho ao serviço da edilidade barcelense, festeja mais um aniversário no dia 24.

«O Barcelense», congratula-se com a data festiva que amanhã passa, e apresenta os seus votos de felicidades.

## Correspondente especial do Diário Popular

O nosso amigo e colaborador Sr. Simplicio de Sousa, foi nomeado correspondente especial do importante jornal «Diário Popular», de Lisboa, onde por certo tratará dos mais profundos interesses cidadãos, não deixando de focar — sobre o ponto de vista turístico — o interesse que Barcelos tem, no sector artesanal e folclórico, em paralelo com as restantes regiões do país.

## OBITUÁRIO

### António da Costa Pinto

Na sua residência sita no lugar das Calçadas, da freguesia de Arcozelo, faleceu em 17 de Abril, o Sr. António da Costa Pinto, casado com a Sr.ª D. Teresa de Castro Pinto. Era pai das Senhoras: D. Deolinda de Castro Pinto, casada com o Sr. Domingos da Costa Fernandes, Técnico na Fábrica de Malhas Falcão, de D. Maria de Castro Pinto, casada com o Sr. Alfredo Ferreira da Fonseca Magalhães, D. Maria Adelaide e D. Maria de Fátima de Castro Pinto, bem como do Sr. Alberto de Castro Pinto. O seu funeral realizou-se no dia 18 de sua casa para o cemitério municipal.

## Brinco em Ouro

No passado dia 6 de Março, junto à Sé de Braga, encontrou-se um brinco em ouro que se entrega a quem provar pertencer-lhe, tendo de pagar este anúncio.

Informa a Drograria Central, Vila Cova — Telefone 76119.

sobre os problemas que impendem directamente sobre o indivíduo que o meio industrial influencia. Assim, por exemplo, o urbanismo e a saúde mental interligam-se; porquanto o aglomerado industrial atrai, para zonas cada vez mais populosas, famílias inteiras. Da insalubridade habitacional, à promiscuidade e à decadência física de moral tudo se concebe. A necessidade de bairros de habitação higiénicos, compatíveis com as possibilidades económicas das famílias mais numerosas e pobres, deveria constituir a primeira das primeiras realizações duma urbe em zonas de progresso. A existência de «ilhas» em zonas urbanas deveria ser interdita aos seus proprietários, com obrigatoriedade de instalações salubres. Entidades patronais e oficiais deveriam dar-se as mãos, num esforço autêntico, para ver solucionado o problema gravíssimo da falta de alojamento decente para a família operária. Honra seja feita aos patrões, que a par dum incremento fabril, se ocupam com a habitação dos que consigo colaboram na criação de riqueza. Todos os higienistas, médicos e sociólogos são unânimes em afirmar que a maior percentagem de perturbações mentais, alcoolismo, desregramento sexual, etc., provém da falta de condições a uma vida familiar digna.

Cabe aqui referir que a mais viva repulsa os dramas que tem originado esta ansia legítima de possuir um lar. Há usurários que constroem casas para famílias pobres, recebendo as economias arrancadas ao abono dos filhos e ao pão da boca, com juros inconcebíveis. Regra geral ficam eles os proprietários das casas, perdendo os pobres tudo o que para elas ameaharam... Esperemos que a Previdência possa vir urgentemente ao encontro desta grande lacuna no panorama habitacional desta urbe em progresso, sob pena de se perderem os benefícios da riqueza industrial, em detrimento dos malefícios mentais, físicos e morais da promiscuidade.

A expansão da cidade para zonas limítrofes já urbanizadas é um grande passo em frente para o descongestionamento do centro. Movem-se os proprietários dos terrenos valorizados. Rasgam-se artérias novas. Medidas adequadas vão sendo tomadas para tornar essa zonas aprazíveis. Mas... e as «ilhas»? Continuarão no centro da cidade e nos arredores, exalando prestígio, minando a saúde das crianças que por ali ficam, ao abandono, enquanto as mães vão trabalhar? Problemas candentes que terão de pôr-se, com a gravidade que exigem, nesta brusca mutação, em que o estático, o tradicional e o preconceito, terão de dar lugar ao progresso da técnica, mas também ao progresso do homem para a sua finalidade, às exigências da justiça em substituição duma falsa caridade, suprimindo as causas dos males e não apenas os seus efeitos» (Paulo VI).

E porque a complexidade de que este vasto problema se reveste, não pode confinar-se ao «habitat» do indivíduo e da nova comunidade que o meio industrial vem criar, mas terá profundos e iniludíveis meandros, onde se perdem muitas das mais belas e mais sãs concepções do homem, há também que protegê-las da decadência e do desgaste que a fúria avassaladora duma permanente luta pela vida, necessariamente asfixia. A mentalização do indivíduo pela colectividade, salvando os valores do espírito, é outra constante do mesmo problema. Há necessidade de promover, através duma vida associativa bem organizada, a educação pela cultura e arte através de todas as suas variadas formas. Seria aqui que uma Igreja renovada daria um real contributo para a promoção social que se impõe. O direito e o dever de associação, tão defendido por João XXIII, viria ao encontro duma das maiores necessidades do nosso tempo, tão carecido duma mentalização sã, e enriquecida pelo diálogo construtivo. Por outro lado, a depressão e fadiga que o intenso labor da vida moderna originam, torna necessária à comunidade de hoje, loquaz possível de enriquecimento cais de descontração e «relax» tanto do espírito, sob todas as formas de cultura e beleza.

Assim, por exemplo, a necessidade duma Casa de Espectáculos não é, de forma alguma, veleidade de amadorismo, como nunca o foi, numa urbe em progresso, a necessidade da cultura física, superiormente orientada, para todos os meios em ambos os sexos. Pelo contrário, a ausência destes e outros meios de convívio entre pessoas com as mesmas afinidades culturais e artísticas, a falta de centros de interesse e distração elevados, em que jovens e adultos confraternizem numa troca recíproca, proveitosa para ambos — dá origem a uma pernicioso dispersão dos tempos livres, o que favorece o vício, a intriga e a calúnia, a inimidade, as lutas pessoais e mesquinhas, só próprias dos meios tacanhos.

O liame comunitário que deve unir os utentes dos benefícios duma cidade enriquecida pelo progresso, é de tal maneira importante, que merece bem o esforço dos nossos mentores para que Barcelos se torne uma cidade aberta ao futuro, na esperança de ser grande como o foi noutros tempos.

Ercília L. M.

## Prédios

Vendem-se dois prédios rés-de-chão e 1.º andar n.º 952 e 970 e uma ilha composta com seis casas, com o n.º 984, na R. Latino Coelho — Póvoa de Varzim.

Informa o Snr. Alberto da Costa Simões, no n.º 1040 da mesma rua.

## ALUGAM-SE

Parceladamente, os baixos da Padaria Baptista, bons para Escritório, Comércio, Oficinas ou Armazéns. Falar ou escrever à

**PADARIA BAPTISTA — BARCELOS**

Câmara Municipal de Barcelos

## Recenseamento Eleitoral

### AVISO

Fernando da Costa Fernandes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Barcelos:

TORNA PÚBLICO, nos termos do disposto no art.º 18.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que, a partir do dia 1 de Maio até ao dia 10 do mesmo mês, próximo futuro, o recenseamento de eleitores da «ASSEMBLEIA NACIONAL», referente ao ano corrente, se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, para efeitos de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar, até ao dia 15 do mesmo mês de Maio, para o Presidente desta Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art.º 19.º da citada Lei.

Barcelos e Secretaria da Câmara Municipal, 18 de Abril de 1966.

O Chefe da Secretaria,

Fernando da Costa Fernandes

## AVISO

Avisam-se os «Amigos do Cabrito», que o Jantar de Confraternização se realiza hoje, pelas 20 horas, na sede.

## Secretaria Notarial de Barcelos

Avelino Gonçalves da Silva & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>  
Constituição de Sociedade

Armindo Pimenta Ferreira, Ajudante desta Secretaria: Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de oito de Março do corrente ano de mil novecentos e sessenta e seis, lavrada de folhas trinta e nove, verso, a quarenta e três, no Livro número B-quarenta, do Segundo Cartório a cargo do notário desta Secretaria Doutor Hermenegildo Henriques de Carvalho Maia, foi constituída uma Sociedade por cotas de responsabilidade limitada entre Avelino Gonçalves da Silva, Dona Euclídia Rosa Ferreira da Silva, Artur Venâncio de Araújo Loureiro, Armando Faria Loureiro, João de Azevedo Vieira e Júlio Rodrigues da Costa, a qual regerá pelas cláusulas seguintes:

1.ª) A Sociedade adpta a firma «AVELINO GONÇALVES DA SILVA & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede nesta cidade de Barcelos, na R. D. António Barroso, números 12 e 14, tem início nesta data e durará por tempo indeterminado.

2.ª) O seu objecto é o comércio e indústria de ourivesaria e de relojoaria ou qualquer outro permitido por Lei, podendo montar filiais quando e onde for deliberado em Assembleia Geral.

3.ª) O capital social é de 690 000\$00, correspondendo às quotas que os sócios subscreveram e são as seguintes: — o sócio Avelino Gonçalves da Silva, uma quota de 400.000\$00; a sócia D. Euclídia Rosa Ferreira da Silva, uma quota de 150 000\$00; o sócio Artur Venâncio de Araújo Loureiro, uma quota de 80 000\$; o sócio Armando Faria Loureiro, uma quota de 40 000\$00; e cada um dos sócios João de Azevedo Vieira e Júlio Rodrigues da Costa, uma quota de 10 000\$00.

4.ª) A quota do sócio Avelino Gonçalves da Silva é realizada por transferência para a Sociedade do seu estabelecimento de ourivesaria e relojoaria no local onde a Sociedade vai ter a sua sede, inclusive do respectivo direito ao arrendamento do mesmo local, a que é dado o valor dessa mesma quota; a quota da sócia D. Euclídia Rosa Ferreira da Silva é também realizada pela transferência para a Sociedade do estabelecimento de ourivesaria e relojoaria que possui na mesma R. D. António Barroso, n.º 155, inclusive do respectivo direito ao arrendamento do mesmo local, a que é dado o valor dessa mesma quota; as quotas dos outros sócios estão já integralmente realizadas em dinheiro.

5.ª) A gerência social, dispensada de caução e sem remuneração, fica a cargo de todos os sócios, podendo qualquer deles assinar os documentos de mero expediente. Porém, para que a Sociedade fique obrigada, é necessário que os respectivos actos ou documentos sejam assinados por dois sócios gerentes, sendo sempre um dos sócios Avelino Gonçalves da Silva e Artur Venâncio de Araújo Loureiro.

6.ª) Fica proibido aos sócios usarem a firma social em letras de favor, fianças, abonações ou quaisquer negócios estranhos à sociedade.

7.ª) Nenhum sócio poderá exercer, individualmente, associado ou por interposta pessoa, comércio igual ao explorado pela Sociedade, salvo se esta o autorizar por escrito assinado por dois sócios, um dos quais o sócio Avelino Gonçalves da Silva.

8.ª) A cessão de quotas, total ou parcial, é livremente consentida entre os sócios; porém, não poderá efectuar-se a estranhos, sem consentimento por escrito dos restantes sócios, que terão direito de preferência quanto a ela, preferência essa que é dada, em primeiro lugar, ao sócio Avelino Gonçalves da Silva.

9.ª) Os sócios poderão fazer à Sociedade os suprimentos de que ela tenha necessidade, nos termos e condições que tenham sido acordados em Assembleia Geral.

10.ª) Os lucros, depois de retirada a percentagem legal para fundo de reserva, serão divididos na proporção das quotas; em igual proporção serão divididos os prejuízos se os houver.

11.ª) As Assembleias Gerais, salvo os casos para os quais a lei exija qualquer formalidade especial, serão convocadas por meio de cartas registadas expedidas, com aviso de recepção, com a antecipação de pelo menos oito dias.

12.ª) A Sociedade não se dissolverá por falecimento ou interdição de qualquer sócio, continuando com os sobreviventes ou capazes e com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que nela os represente a todos, enquanto a quota não for partilhada ou se mantiver indivisa. Se os herdeiros do sócio falecido ou interdito não quiserem continuar na Sociedade, poderão sair dela desde que o declarem no prazo de 90 dias a contar do falecimento ou interdição, recebendo o valor da respectiva quota segundo o último balanço, pago no prazo de quatro anos, em prestações trimestrais e iguais, isentas de qualquer encargo.

13.ª) A Sociedade pode dissolver-se por vontade dos sócios Avelino Gonçalves da Silva e esposa, de comum acordo, e, na sua falta, pelo sócio Artur Venâncio de Araújo Loureiro, e nos demais casos em que a Assembleia Geral o deliberou ou a lei o determine.

14.ª) No mais regularão as disposições legais em vigor.

Está conforme com o original, na parte transcrita.

Barcelos e Secretaria Notarial, vinte e nove de Março de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante da Secretaria,  
Notarial.

Armindo Pimenta Ferreira

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 23-4-1966, no n.º 2866

Tribunal Judicial de Barcelos (SECRETARIA)  
ANÚNCIO  
1.ª Publicação

Faz-se saber que pela 3.ª secção do Juízo de Direito da comarca de Barcelos, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu Joaquim Alves da Silva, casado, lavrador, ausente em parte incerta da França e que teve o seu último domicílio conhecido na freguesia de Abade do Neiva desta comarca, para no prazo de 10 dias, decorridos os dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito nos autos de Acção Sumária que António Monteiro de Brito e mulher Maria da Conceição Ferreira, residentes na freguesia de Arcozelo, desta comarca movem contra o citado e mulher Carolina Ferreira da Silva, pedido esse que consiste em ser reconhecido aos autores acima identificados o direito de propriedade quanto ao prédio misto composto por duas terças partes já divididas de uma casa torre e terreno de logradouro e para horta, sito no lugar da Costa Má, da freguesia de Abade do Neiva, inscrito na matriz urbana sob o artigo 33 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca no livro B-117 sob o n.º 45.260, sendo constituídas essas duas terças partes por todo o dito terreno de logradouro e para horta e pelas seguintes dependências da casa, a lado nascente: Cozinha, sala, varanda e dois quartos; e condenados os réus a entregarem imediatamente o mesmo prédio, com custas e procuradoria condigna, sob pena de, não o fazendo, serem condenados ao pedido.

Barcelos, 15 de Abril de 1966.

O Escrivão de Direito,  
Domingos Lima da Costa  
VERIFIQUEI.  
O Juiz de Direito,  
João Carlos Afonso da Rocha

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 23-4-1966, no n.º 2866

## COMARCA DO PORTO

## 7.º JUÍZO CÍVEL

## Éditos de 30 dias

## 1.ª Publicação

Pela Terceira Secção deste Juízo correm éditos de trinta dias a contar da data da segunda publicação do presente anúncio, notificando o executado ANTONIO DUARTE LEIRAS, casado com BEATRIZ MARTINS FERROS, que teve a sua última residência conhecida no lugar da Portelinha, S. Tiago do Couto, de Barcelos, actualmente ausente em parte incerta, para ficar ciente de que por despacho de dezasseis de Março corrente, proferido nos autos de Execução de Sentença que lhe move e a sua mulher, EDUARDO DA SILVA MARINHO, casado, motorista, residente na Rua da Igreja de Paranhos, duzentos e noventa e um, desta cidade, e para segurança e pagamento da quantia exequente de TRINTA E SEIS MIL QUINHENTOS E NOVENTA E SEIS ESCUDOS e demais despesas legais, foi efectuada em dezasseis de Março referido, a penhora sobre os seguintes prédios dos executados:

## 1.º

Bouça da Pedra, situada na freguesia de S. Tiago do Couto, omissa na Conservatória e inscrita na matriz predial rústica, sob o artigo 620;

## 2.º

Leira da Ribeira, sita na mesma freguesia, omissa na Conservatória, e inscrita na matriz predial rústica sob o artigo 292;

## 3.º

Leira de Sernandes, na mesma freguesia, omissa na Conservatória e inscrita na matriz predial rústica, sob o artigo 58;

## 4.º

Casa e logradouro, na mesma localidade, também omissa na Conservatória e inscrita na matriz predial urbana sob o artigo 49.

Porto, 30 de Março de 1966

O Juiz de Direito  
João Correia Ramalho

O escriturário,  
Isidro Moreira Pinto Queiroz

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 23-4-1966, no n.º 2866

## Tribunal Judicial de Barcelos (SECRETARIA)

ANÚNCIO  
2.ª Publicação

Faz-se saber que foi designado o dia 26 de Maio próximo, pelas 11 horas, neste Tribunal, para a arrematação, em hasta pública e em 1.ª praça, da metade indivisa do prédio abaixo indicado, penhorada nos autos de execução de sentença que a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, com sede na Praça Carlos Alberto, da cidade do Porto — pessoa colectiva de utilidade pública administrativa — move contra os executados D. Aida da Silva Macedo Dias, viúva, doméstica, residente em Maticuane, Rua de Cabo Verde, porta número 250, da cidade e comarca da Beira e José Cristóvão e esposa, residente em Braga, na Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 686, 3.º-d., a qual será entregue a quem maior lance oferecer acima do que vai indicado, preço por que vai à praça:

## A ARREMATAR

Metade indivisa de uma casa térrea e chão de horta, no lugar da Bouça, freguesia da Ucha, desta comarca, descrita na Conservatória do Registo Predial no L.º B-208, sob o n.º 82. 486 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 82, a que corresponde o valor matricial, por que vai à praça, de 980\$00.

É condômina da meação do prédio a arrematar D. Maria da Silva Macedo, residente na Ave-

## PELO CONCELHO

## SILVA

Festa de S. Sebastião e da Senhora da Incarnação — Foi na passada segunda-feira de Páscoa que a Silva esteve em festa. Por ser a primeira da época registou, como em anos anteriores, da parte de tarde e apesar da constante ameaça da chuva, grande afluência de forasteiros. «E uma festa simpática a que já nos habituámos», como se ouve dizer; mas, não há dúvida que o facto de ser a Segunda-feira de Páscoa «um dia vago», maior «simpatia» dá ao passeio dessa tarde.

Não vamos razer uma apreciação dos números do programa, mas apenas dar algumas sugestões para maior valorização da festa principal da paróquia.

Gostamos de ouvir os três oradores sagrados. O Rev.º P.e Oscar de Moura Guedes, actualmente professor do Seminário de Viana do Castelo, da Congregação do Espírito Santo, de manhã; o Rev.º P.e Augusto Ferreira, Superior do mesmo Seminário, de tarde; e, na Missa do dia, o Rev.º Pároco de Barcelinhos.

Achamos, porém, demasiado pesado e não favorece a piedade um programa com duas Missas Cantadas e três Sermões.

Ouvimos pela primeira vez a Banda de Oliveira e é-nos grato referir, que foi também pela primeira vez nestes sítios, que ouvimos cantar bem uma Missa! Afinal, sempre é possível e há quem aprecie. Felicitámos alguns dos elementos da Banda e quando nos disseram que estavam a ensaiar outra Missa, perguntamos interessados se era em português. Disseram que não tinham pensado nessa possibilidade. Cremos, que além de ser possível, é até fácil. E se toda a Assembleia cristã cantasse acompanhada pela Banda?

Quanto à procissão, a incerteza do tempo não permitiu uma boa organização. Há também possibilidades reais de ser mais valorizada. Gostámos de tudo. No entanto, há pequenas coisas a que é preciso atender. Não se pode deixar ao arbitrio dos que pegam aos andores o ritmo da marcha da procissão; como também deveríamos ser nós, — os de cá, e que assistimos à passagem do préstito religioso, os primeiros a exigir respeito e não achar graça às «gracinhas» de outros mirones menos responsáveis.

3.ª Dia Mundial das Vocações — Vai celebrar-se a 24 de Abril, no «Domingo do Bom Pastor», 2.º depois da Páscoa, o 3.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações.

Destina-se este dia mundial «a implorar de Deus, com a oração e a penitência, o dom misericordioso das Vocações de que a Igreja necessita». Ainda segundo as orientações do Santo Padre, devem celebrar-se nesse dia todas as Vocações em conjunto, quer sacerdotais, religiosas ou missionárias.

Esta feliz iniciativa do Sumo Pontífice realizou-se com pleno êxito, nos anos anteriores em quase todas as dioceses do mundo. Este ano devem as nossas preces subir mais instantes até ao «Senhor da messe» envolvidos como estamos nesta atmosfera de renovação e vitalização espiritual, criada pelo Concílio. Aliás, é dever de todos os fiéis corresponder prontamente ao magoado do Senhor: «E vasta a Messe, mas os operários são poucos... Pedí ao Senhor da Messe que envie operários para a Sua Messe».

É desejo veemente da Igreja que os leigos, pais e educadores, tomem consciência do papel ao mesmo tempo honroso e responsável que lhes cabe na floração e perseverança das vocações, sacerdotais, religiosas ou missionárias. E, na medida em que nós dermos conta desta responsabilidade, assim apreciemos o dom misericordioso da vocação de eleição.

Depende de nós, das nossas orações, que os corações de muitos e muitos jovens despertem para os horizontes abertos das necessidades da Igreja e do mundo. É mistério profundo do Amor Divino que o florescimento de muitas e santas vocações na Igreja dependa das preces humildes e confiantes de Seus filhos. «E que Ele tem por nós um Amor tão compreensível, tão delicado, que nada quer realizar sem a nossa colaboração». «O Criador do Universo espera a súplica de uma pobre alma pequenina para resgatar uma multidão de outras, redimidas como ela com o prego do Seu sangue!... Pedi-Me e Eu os enviarei; não espero senão por um suspiro do vosso coração». Assim meditava St.ª Teresinha, abismada no mistério e delicadeza do pedido de Cristo: «Pedi ao Senhor da Messe»...

Poderemos nós, neste 3.º Dia Mundial, deixar de responder ao pedido do Senhor e de importunar confiadamente a Bondade do Pai, ao lermos no Evangelho a queixa do Bom Pastor: «Tenho ainda outras ovelhas que não são do meu rebanho»?...

Aléquis

## Casa do Povo de Gândara do Neiva

Uma vez mais nos vemos obrigados a importunar V. Ex.ª pedindo a publicação deste ofício, no próximo número se possível, em virtude de certas afirmações do autor da carta de Quintiães, publicada no n.º 2859 lesse Semanário, feitas a esta Casa do Povo e seus dirigentes.

Senhor correspondente: Serão sempre por nós bem recebidas todas as críticas sérias que nos possam fazer e de bom grado aceitaremos todas as responsabilidades que caibam. Servimos a Casa do Povo o melhor que podemos e sabemos, nunca nos poupamos a sacrifícios para a valorizar. As suas críticas, porém, são aleivosas, têm veneno, são desleais, e por isso não podem ser encaradas sem um certo humorismo.

Respondemos à sua carta apenas com as palavras necessárias para mostrar a sua má fé e não permitir que o senhor enganasse os associados. E que, senhor correspondente, não é bonito enganar as pessoas... E porque é muito feio não dizer a verdade ou dizer a verdade, não podemos deixar de responder à sua segunda carta. E o que vamos fazer, o mais sucintamente possível:

Aniquilamento do Organismo — Não nos cabe a mínima responsabilidade na forma de vida que a nossa Casa do Povo tem tido, mas aqueles que, inconscientemente, a atiraram para o pardiêiro — descendo e em ruínas — que lhe serve de sede, situado a menos de 100 metros da área da Casa do Povo de Durrães, num local pouco populoso e pouco frequentado e que, por isso mesmo, nunca lhe permitirá outra forma de vida.

(Continua)

## EXCURSÕES — 1966

GRANDE CIRCUITO EUROPEU — 50 dias de viagem em autopullman. Partidas em 23 de Maio; 11 de Julho; 8 de Agosto e 5 de Setembro.

DIORAMA DA EUROPA — 39 dias de viagem em autopullman. Partidas em 22 de Junho e 24 de Agosto.

EUROPA MARAVILHOSA — 29 dias de viagem em autopullman. Partidas: Maio 7, 14, 21 e 28. Junho 4, 11, 18 e 25. Julho 2, 9, 16, 23 e 30. Agosto 6, 13, 20 e 27. Setembro 3, 10, 17 e 24.

Temos vários cruzeiros a bordo do navio espanhol «Cabo de S. Vicente»

Enviamos programas detalhados destas viagens e preços.

## Agência de viagens «A Poveira»

Praça do Almada, 45 — Telefone 62291 — PÓVOA DE VARZIM

## Rapaz

Oferece-se para empregado comercial, com algumas habilitações.

Falar com Ana da Costa Vieira, Lugar do Espírito Santo, S. João de Vila Boa — Barcelos.

nida Vieira do Souto, 556, da cidade do Rio de Janeiro.

Barcelos, 29 de Março de 1966.

O Escrivão de Direito,  
Joaquim Pinto Coelho  
VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,  
António da Costa e Sá

## MINHA SENHORA!

Poderá pôr fim ao problema do vestuário dos familiares, confiando-o aos cuidados da mais antiga Lavandaria de Barcelos.

Campo 5 de Outubro, 38-A  
(junto ao Jardim Velho)  
BARCELOS

## COISAS DA NOSSA TERRA

(Continuação da página 1)

nesse dia se realizava — quando havia feira —, se volte a realizar, como antigamente.

Diz-nos o Abade do Louro, no seu livro *Memoria Historia da Vila de Barcelos*, «Antigamente havia uma feira, que durava 8 dias antes do Corpus Christi, e 7 depois dele; e nela não era preso delinquente algum em respeito às cruzes, que no campo d'ellas apareceram.»

Ora se nós estamos numa época de fazer reviver a tradição, porque motivo é que a nossa Comissão Municipal de Turismo não pensa a sério, em fazer reviver esta velha tradição barcelense, já que pelo visto, se não encontrará da parte da Igreja objecção, à realização desta tradicional feira, e eu digo isto, pelo seguinte: há dois anos, quando a nossa Câmara Municipal publicou o edital de 7 de Maio dizia: «em face do deliberado unânimemente por esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 28 de Abril findo, são consideradas FEIRAS FRANCAS para os produtos agrícolas e artesanais deste concelho e realizar-se-ão nos dias próprios, as feiras anuais da Quinta-Feira Santa — Festas das Cruzes (Dia 3 de Maio) e Quinta-Feira de Corpus Christi.»

Ora, quando acima digo que se não encontrará objecção por parte da Igreja à sua realização,

baseio-me neste facto provado e indimentado. Quando foi tornado público a realização da feira Franca que tradicionalmente se realizava no dia de Corpo de Deus, houve alguns Srs.: padres que atacaram esta realização, condenando o trabalho naquele dia. Ora acerca de um mês foi tornado público o programa das Festas das Cruzes, e ali vem em letra redonda a realização da Feira Franca no dia 1 de Maio. Não houve e ainda bem, qualquer sacerdote a dizer que era pecado — como antes o fizeram — trabalhar no dia da feira que se realiza num domingo. Em mim ficou uma convicção nada agradável, dado que a questão de hoje ser igual há de ontem. Mas ainda bem que o bom senso voltou, e souberam perdoar, se alguma coisa havia a perdoar.

Está a nossa Câmara Municipal de parabéns, de parabéns toda a Vereação e todo o comércio, por se ver que, hoje tem quem se interesse pelo seu desenvolvimento comercial, fonte de progresso e de vida, para uma cidade nova como a nossa.

Que o Grémio do Comércio secunde e empenhe toda a sua acção, no sentido de se concretizar estes anseios que são os anseios de todos os barcelenses.

Simplicio de Sousa

## Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

modo como as retratou Eça, ao contar que o Conselheiro Acácio, convidado a escrever palavras ignóbeis numa vitrine, escreveu, dignamente: Honra ao mérito?

É evidente que este pendor aporcalhado do espírito português tem sua origem anterior à nacionalidade, pois não brotou como flor mal-cheirosa de geração espontânea...

Quando e como? — Não sei. Se pensarmos que a Espanha da Celesteira e tantas outras novelas picarescas, e pragas extraordinárias, que a França de espírito rabeleriano e combronesco, que a Itália, ad licenciosidade do *Decameron* de Boccaccio — alinham, connosco, no culto à literatura obscena, estamos levados a aceitar origem remota, romana, pelo menos, do Baixo Império, a esse pendor.

Nada conheço, na literatura grega e das outras terras mediterrânicas, que me permita generalizar-lhes tal gosto.

A literatura árabe, que conheço bem como a prosa — *As mil e uma noites* — é, sem dúvida, muito sensual, mas não sei até que ponto se compara e iguala à de que tratamos.

O mesmo direi da israelita. Sensual no *Cântico dos Cânticos* — mas, daí, à pornografia, vai grande salto; e a mentalidade séria e severa dos grandes rabinos não parece pactuar com o género.

Este pendor talvez tenha razão de ser em tendência para se dizerem coisas e descrever situações objectivas e realisticamente — sem evolução.

A liberdade de linguagem não se reprime, só, com pimenta na lingua, ou com inutilização dos escritos. A maré montante da pudicícia leva aos eufemismos, às alegorias, aos símbolos, ao emascaramento das coisas e situações por outras palavras... mais apropriadas.

J. Leite de Vasconcelos, que, em *Etnografia, IV*, se refere ao fenómeno, desviou-se, na sua análise, para a evolução semântica das palavras — que, aplicadas, a princípio, inocentemente, se vão carregando de malícia e têm de ser substituídas por outras — a que, com o tempo, acontece o mesmo. Mas, como essas outras, designaram outra coisa, a esta outra coisa, inocente, se passa a entender a carga maliciosa, adquirida.

Mas, tudo isto, licenciosidade, pornografia, obscenidade, com ser constante da alma portuguesa, que

se manifesta, mesmo, nos mais altos valores mentais, não é amesquinhança, nem tem grande perigo moral: todos sabemos que é fruto proibido, conservado só para homens, e abtemo-nos de o reconhecer em público, e em níveis de maior educação.

Sabemos da inconveniência — e abtemo-nos de ser inconvenientes: no lugar próprio empregamos as palavras próprias.

Pior, muito pior, é a contribuição que a literatura norte-americana veio dar, não à obscenidade, mas ao descritivo pornográfico, com a obsessão de sexualidade que enferma essa literatura, sem pejo, sem decência, nociva, deletéria.

Não sei, porque não o posso saber, evidentemente, se toda a literatura estadunidense está eivada do dito mal. Quero crer que não: que num país de tantos milhões de habitantes, haja, ainda, escritores puritanos e decentes — mesmo maliciosos que sejam.

Mas, na que, recentemente, me tem vindo parar às mãos — que calamidade, que desmoralização, que lixo!

Não basta, somente, a sementeira de violência criminosa da sua literatura mais lida: a isso, soma-se a situação sexual sórdida, descrita com maior ou menor emoção e de tal modo que Paul de Kock, Abel Botelho ou Alfredo Galis chegarão a corar, como púdicos colegiais!...

Ora, toda esta dissolvente mistela, que invade, sub-repticiamente, as mentalidades, instilando esquemas mentais, engramas, que enformarão o homem ou a mulher portuguesa, não só de amanhã, mas, já, de hoje, é servida por más traduções.

Traduções sem escolha de vocabulário, transliteração absurda (*ricinar!*) sem correcção gramatical, sem sentido lógico!

Dizem-me que os tradutores são mal-pagos. Mas, isso, não os autoriza a darem, em troco de bom dinheiro, embora pouco, um mistifório linguístico, que não é português!

Que não é português! Que já não é português!

Mas que interessa escrever portugueses correcto?

Há quem pague, quem compre! Venha, dinheiro! Venha dinheiro! — gritam os editores!

Tlim!... Papo!...

Falcão Machado

## Revivendo e Recordando João Duarte

(Continuação da página 1)

admirável, numa doce paz de alma, acompanhando o desenrolar da doença com toda a lucidez de raciocínio, que conservou até ao último momento.

Tendo convivido, através da minha existência, com muitas pessoas doentes, e tendo assistido aos últimos momentos de tantas, nunca me foi dado presenciar coisa semelhante, nem creio que seja muito fácil encontrar-se. A intensa vida cristã que João Duarte praticamente vivia sem alardes, a sua primorosa formação de carácter e de coração que sempre pensava no bem-estar dos outros esquecendo-se de si mesmo, estão na base da explicação desta muito rara forma de proceder dum doente tão nobre sem a mais pequena exigência, sem a menor queixa a formular.

Para qualquer deslize que pudesse surgir havia sempre, naquele coração bem formado, um perdão carinhoso com dignidade e distinção, a não ser que valores mais altos obstassem, resolvendo-se então do modo mais correcto e compreensivo.

Nas coisas íntimas do dia a dia duma vida familiar intensamente vivida, nos reveses dos labores diários e duma longa e delicada enfermidade, é que se vê e aprecia melhor a grandeza de alma dum verdadeiro santo, e a nobreza daquele homem deveras invulgar em todas as facetas da sua vida.

Sempre o mesmo, igual a si próprio com fidelidade e bondade, desde o aconchego íntimo do lar, e da sua doença, até às esferas mais altas da vida social, passando pela sua laboriosa vida industrial, e caridosa sem par. Em tudo ele se nos apresenta sempre grande, acima de quanto se possa supor.

E assim, já não parecerá estranho que fosse ele, o grande João Duarte, um dos três Homens que, durante a minha bastante longa existência, captaram toda a minha admiração e estima sem limites, toda a minha dedicação e amizade sem reservas, toda a minha devoção sem reticências.

Sua Santidade Pio XII e o Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar foram os colossos da história do nosso tempo, os luminares de primeira magnitude no céu da Igreja, da Pátria e do mundo que, a par de João Duarte Veloso noutro campo de acção, conseguiram empolgar a minha alma e a minha existência da maior admiração, que jamais poderá ser superada.

João Duarte ainda é o etentor da grandeza e valor de se ter feito a si mesmo. E fez-se tão grande na vida, para ele e para os outros, para tantos que, aos milhares, fez viver e trabalhar, fez crescer e subir bem alto pelos degraus da fortuna e da sociedade, oferecendo-lhes os seus ombros, o seu trabalho, as suas finanças com sumptuosa magnanimidade.

Um homem destes é, de facto, um homem verdadeiramente grande à luz da Igreja e do Evangelho, à luz da sociedade, à luz da Pátria que ele tanto elevou e enriqueceu. A sua grandiosa Obra que nos deixou em funcionamento continuará sempre a enriquecê-la.

Barcelos orgulha-se, de tão insigne filho, seu benfeitor número Um de todos os tempos. O que seria hoje Barcelos sem João Duarte e sua Obra?

«Barcelos ficou mais pobre não de riqueza mas de bondade». Assim exprimi o seu profundo pesar pela perda de João Duarte a Ex.ma Senhora D. Maria José Novais. Barcelos está mais pobre de bondade, e todos nós o sentimos. Não ficaria mais pobre de riqueza porque a Obra do insigne Barcelense, que tanto amava a sua terra e o seu povo, continua a produzir essa mesma riqueza, a dar-nos pão e vida. As pessoas e famílias que da sua bondade recebiam silenciosamente caridosos donativos, e muitas eram, também de riqueza se sentirão mais pobres.

Barcelos ficou mais pobre! Ficou mais pobre a Pátria que perdeu um dos mais valentes, serenos e inventivos paladinos do Estado Novo.

## D. Maria José Novais

No próximo dia 29 do corrente compete mais uma primavera na sua vida, a Ex.ma Sr.ª D. Maria José de Abreu do Couto de Amorim Novais Pinto da Fonseca, ilustre filha do saudoso e sempre lembrado Conselheiro José Novais, oradora de grandes recursos que na Assembleia Nacional tanto defendeu as instituições de beneficência da nossa terra e da cidade do Porto, desvelada mãe dos pobres sempre atenta aos problemas religiosos e de assistência de Barcelos, que tanto ama e acarinha. «O Barcelense» ao cumprimentar Sua Excelência nesta data festiva deseja-lhe longa vida para poder continuar a sua nobre missão na terra na prática da caridade e bem fazer.

## NASCIMENTO

Está de parabéns o Sr. Dr. António Moreira Arriscado de Carvalho Amorim, distinto filho do nosso concelho, e dedicado Professor do Liceu Nacional da Póvoa de Varzim, por ter sido brindado por sua Ex.ma Esposa, com um filho barão, nascido há poucos dias.

Aos pais do neófito as felicitações de «O Barcelense».

sempre grato a Salazar pela paz inalterável que nos outorgou, e de quem era devotado admirador e amigo. Ficou mais pobre a Igreja militante sem um dos seus melhores soldados, seu grande baluarte e defensor, seu lutador inquebrantável. Mas Barcelos foi que mais pobre ficou. E para terminar, uma transcendente sugestão:

## Um monumento a João Duarte?

O Sr. João Duarte Veloso não pode mais ser esquecido, não pode morrer na gratidão dos barcelenses. Julgamos urgente, e necessário por imperativo de gratidão e justiça, que Barcelos o faça reviver, aos olhos dos vindouros, como modelo e benfeitor, decidindo-se a erguer-lhe um monumento à altura da sua vincada personalidade de barcelense ilustre e das suas benfeitorias, à altura dos pergaminhos nobres e honrados da Princesa do Cávado que ele tanto honrou.

Comoveu-nos deveras o voto de pesar lavrado pela Ex.ma Câmara com o melhor acerto e desassombrodo positivismo de gratidão e justiça, numa página literária repleta de verdade eloquente. Não seria também acertado se a mesma Edilidade promovesse a erecção do sugerido monumento?

Também os Bombeiros exprimiram os seus votos de pesar repassados de gratidão. Poderiam eles ser dinâmico auxiliar para o monumento em questão?

Tantos outros votos de pesar e dor surgiram de toda a parte, desde os comoventes telegramas de Salazar e do Senhor Arcebispo Primaz até às lágrimas do nosso povo e dos seus operários, lágrimas e dor que podem vir a ser pequenas pedras e bronze da Obra em vista.

Já diversas vezes temos ouvido falar do monumento que devia er-

guer-se, e cremos que em tempos este semanário já o apontou nas suas colunas, bem como outros órgãos da nossa imprensa. Não seria chagada a hora de o tornar realidade enquanto se sente vibrante o bater do coração dolorido?

Alguém alvitrou que esse monumento, de toda a justiça como dizem com decisão impressionante, deveria ser erguido por aqueles que João Duarte fez grandes na vida, e que bela ideia!

E se fosse levantado por todos os barcelenses e amigos, porque todos têm recebido benefícios sem conta do grande Barcelense, que choramos e queremos perpetuar em busto ou estátua entre nós?

De meu voto próprio fica lançada a ideia, ainda que não em primeira mão porque está no subconsciente de todos e nos lábios de muitos.

Deporei a seu lado, para descer ao campo das realidades, a minha dupla contribuição na oferta duma pedra de mil escudos para abrir a subscrição se for aceite, e na legenda que gostaria de ver no sopé do pedestal a sintetizar toda a sua vida: «...PAS-SOU A VIDA FAZENDO O BEM E CUIDANDO DE TODOS QUANTOS ENCONTROU A BEIRA DO SEU CAMINHO».

A. F.

Nota da Redacção: O Jornal «O Barcelense» gostosamente prossegue esta oportuna subscrição com igual quantidade de mil escudos, dando-lhe todo o seu apoio e colaboração, porque também a considera justa e necessária numa gratidão colectiva que se impõe, antes de mais, à consciência dos Barcelenses.

Quem desejar seguir-nos pode enviar os seus donativos para o nosso jornal, sob anonimato ou não, e avante com entusiasmo por uma causa que altamente dignifica e enobrece Barcelos.

## «NO NOSSO» «COLONIALISMO»

(Continuação da página 1)

ções ter uma grandiosa existência, uma História de heróis que, duma rajada de incompetências lhe pode vir empanamento geral para essa História. Ao menos a geração que a vive, descre, como nós, o homem da rua, está a descer da sinceridade dos políticos ingleses. Pouco se lhe irá que os tenhamos em grande conta, sabemos. Mas, temos as nossas razões, e um homem, pequeno que seja, com razão, é forte. E muitos homens com razão, são fortes. E nós temos razão. Já há uns anos o afirmou o mesmo Senhor Presidente do Conselho aos políticos do referido País. E, se então pensávamos com Sua Exc.ª, hoje ainda mais, após a Índia, Angola e a Rodésia, para nos calarmos à comédia do canal de Moçambique.

Por Rodésia, poderá dizer-se que não temos (outra vez o homem na rua, estranho aos arcanos da política internacional) nada com isso. Se estivessem quietos connosco, estaria certa a afirmação. Mas não. Quando estão em jogo os seus interesses exigem que todos comunguem na sua política, que colaborem, que ajudem, a bem ou a mal, em nome não sabemos de quê ou, não erraremos gravemente, se dissermos em nome dos seus interesses. Doutra feita, abandonam aqueles que, por razão de tratados, tinham o dever de assistir.

Veio o nosso porto da Beira servir de teatro e demonstração desses interesses, senão que haja outros menos claros, por detrás de tudo. O tempo o esclarecerá, já que sempre por nós tem trabalhado o mesmo Tempo. Como bem se afirmou nos órgãos de publicidade: O governo Grego não conseguiu fazer-se obedecer pelos petroleiros Joana V e Manuela. As companhias armadoras nada temeram e fizeram com que eles rumassem exactamente para o sítio do perigo; a armada aérea-naval de sua majestade britânica não consegue interceptar, com todo o seu poderio, a pacífica e desarmada navegação dos petroleiros, não obstante ter-lhes feito as atenções da sua presença. Só NÓS É QUE TINHAMOS DE TER O ODIOSO DE OS RETER OU IMPEDIR DE DESSEMBARCAREM A MERCADORIA. E... correm negociações, que aventámos se apresentem... fáceis, com um contratante a afagar canhões.

E então, se tentassem desembarcar, já lá estava a ONU a sancionar o uso da força, só para

o porto da Beira. Com a África do Sul já não recomendaria o mesmo processo, mas vai para as negociações. Igualdade de processos! Não temos que admirar. O mal está no cimo e na base, enquanto é do alto que vêm os disparates e é por falta de lógica de fundo com que procede a ONU, em certos casos.

Mas, tudo se pode esperar do governo do Sr. Wilson a quem o povo Rodesiano tinha tirado a confiança, por suspeita de simpatia com o comunismo. Já então lhe fazia perguntas para que provasse que não era simpatizante, perguntas que estão cheias de oportunidade e destacam a duplicidade de critérios, mais agora, pelo caso do porto da Beira.

Vale a pena relê-las:

1.ª «Se o não é (simpatizante) porque motivo permite que navios britânicos levem abastecimentos, também britânicos, para os vietcongueses, ajudando-os, assim, a prosseguirem numa guerra mortífera contra os norte-americanos, australianos e neozelandeses?»

E nós acrescentáramos: Qual a consideração por povos tradicionalmente amigos? Tenham paciência Srs. Americanos, Australianos e Neo-Zelandeses. Nós também nos tínhamos na conta de amigos e vai depois surgiu o caso da Índia a provar o contrário. Angola onde apareceram minas inglesas nas embuscadas, e agora o caso da Rodésia com o porto da Beira.

2.ª «Se o não é (simpatizante) porque está ele a auxiliar e animar as forças comunistas a marcharem através do continente africano?»

3.ª «Se o não é ( ) por que motivo continua a mandar abastecimentos e a prestar assistência aos revolucionários comunistas de Cuba?»

4.ª «Se o não é ( ) por que motivo, quando a Rodésia ocupa a 1.ª linha contra as forças comunistas de África, o senhor Wilson se gaba e congratula pelos seus esforços, destinados a conseguir que nos ponhamos de joelhos?»

Ponhamos ponto com esta pergunta, embora os rodésianos digam mais coisas bonitas. Também poderíamos perguntar aos britânicos do Sr. Wilson em que lugar nos põe, a nós portugueses, na luta contra o comunismo!

Cosme do Vale